

Aprendendo com a paisagem das serras Kiriri¹

Vanessa Coelho Moraes, mestranda do PPGA/UFBA

Gabriel Novais Cardoso, mestrando do PPGA/UFBA

Palavras-chave: Paisagem; Etnologia Indígena; Kiriri.

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho tento descrever, partindo de uma caminhada nas matas e serras do território indígena, alguns procedimentos epistemológicos na produção de conhecimento, por parte dos meus interlocutores Kiriri, a partir das relações que esses estabelecem nas/com as serras do seu território. Para isso trago algumas fotografias que ilustram a hipótese que busco aqui explorar: a de que aquilo que costumeiramente entendemos por “fenômenos da natureza”, para meus interlocutores Kiriri, não são apenas consequências de processos geológicos ou biológicos, portanto “naturais”, mas tem sua origem, também, por influência da agência de seres “Invisíveis” ou “Encantados”, agências sociais e não-humanas que habitam o Território Indígena Kiriri.

O povo Kiriri se situa no contexto etnológico dos índios do Nordeste, estabelecidos no município de Banzaê-BA em um território já homologado de 12.320 hectares, onde vivem aproximadamente 4 mil indígenas espalhados por 13 aldeias. Minha relação com esse povo se iniciou quando o professor Marco Tromboni de Souza Nascimento, me convidou para um projeto de assessoria linguística ao povo, que foi iniciado levando em conta a demanda Kiriri pela retomada da sua língua indígena já não mais falada no dia-a-dia do povo.

Buscando retomar sua língua, os Kiriri envolvidos com esse processo aprendem palavras do mais velhos e em rituais com suas entidades, os invisíveis, que também são chamados de encantados. Com esses seres eles aprendem um tipo de conhecimento chamado ciência do índio. Irei descrever aqui modos de apreender esse saber e como isso influência na percepção da sua língua.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020

Esse trabalho foi feito a partir da realização de uma etnografia, no qual o principal período de campo foi em abril, maio e julho de 2019. Fiquei hospedada em casas de lideranças e pude participar de rituais, fazer caminhadas nas matas e frequentar as escolas e casas de pessoas que conheciam mais sobre a língua. Meu diálogo com os interlocutores se deu de modo informal e registrado em diário de campo. A partir dessa metodologia irei descrever como se deu minha caminhada para a “*Pedra Iscrivida*”.

Complementando essa metodologia, usarei o método ontográfico de Martin Holbraad (2003). Para esse autor o conceito de cultura nos coloca um grave problema epistemológico, pois pressupõe que não temos acesso à realidade tal como ela é de fato, pois nossa cultura sempre nos impõe uma série de crenças sobre o real, de tal modo que não acessamos a realidade, apenas falamos sobre ela a partir de representações culturais. Compartilhamos uma mesma natureza, universal, que se expressa de modos diferentes a depender da cultura e isso condiciona nossas diferentes representações acerca da realidade. Por isso, tratamos os discursos dos nossos interlocutores como representações e interpretações do real, mas nunca como uma realidade de fato. Isso promove um processo de epistemicídio (MENEZES *et* SANTOS, 2009), pois quando um Kiriri diz que aprende sua língua com seus antepassados e eu levo isso como mera representação, estou excluindo a agência empírica que esses seres tem no processo linguístico.

Assim, Holbraad (2003), nos mostra a necessidade de *levar a sério* nossos interlocutores compreendendo seus discursos como reais. Desse modo, as relações entre seres humanos e não humanos não seriam crenças mentais, mas uma possível realidade. Não se trata apenas de reconhecer a diversidade dos modos de existir, mas principalmente levar em consideração os pontos de vistas e a influência dos diversos seres na vida das pessoas de modo concreto.

2. SERRAS DO TERRITÓRIO KIRIRI

Barão foi um dos meus principais interlocutores Kiriri, ele é ex-professor de língua indígena e sabe bastante sobre sua língua. Ele ouviu falar que em seu território existia uma pedra chamada “*Pedra Iscrivida*”, na qual existiam palavras da sua própria língua. Ele, certa feita, convidou-me para conhecer tal lugar e assim fizemos. A tal pedra fica na aldeia da Baixa da Cangalha como indicado na foto a seguir:



Figura 1 - Aldeia da Baixa da Cangalha destacada numa vista panorâmica de parte do T.I Kiriri.

Essa foto foi feita do alto da serra da Canastra e nos permite perceber que na paisagem do território Kiriri, podemos ver que toda aldeia é rodeada por serras. É importante dizer que antes da retomada, o território não tinha essa abundância e diversidade de fauna e flora que existe hoje, sendo atestada pelo destacado verde presente nos limites do território, que rapidamente vai mudando para o cinza e cor de palha quando se sai do T.I Kiriri.

Outro fato importante é que antes da retomada os Kiriri moravam nas serras, nas grotas, ou espalhados em casas de pindoba nos pés das serras. Em função disso, esses lugares têm uma história de como se vivia antigamente e uma relação direta com a memória desse povo. Vale também ressaltar que os locais onde os Kiriri viviam antes da retomada, hoje são moradas dos encantados. Os “invisíveis” abarcam um conjunto amplo de seres, os encantados são um deles. É importante dizer que esses seres nunca deixaram de existir em suas terras. Bandeira (1972), ainda na década de 60, conta que os encantados “habitam o interior das serras e tem a toca da Cangalha uma espécie de domicílio comum [...] alguns moram constantemente em tocas. Outros preferem locais diversos, não obstante estarem em permanente contato com a toca” (BANDEIRA, 1972, p.79). É interessante notar que mesmo no período em que os Kiriri moravam nas serras os encantados também habitavam esses lugares de modo que eles coabitavam o mesmo espaço.

Usarei o conceito de habitar a partir de Ingold (2015), o qual nos mostra que isso implica em conviver em fluxo com um emaranhado de relações recíprocas. É experienciar o lugar criando múltiplas relações com ele, inserido em um movimento interacional de tal modo que nos relacionamos com o meio e, a partir das relações criadas, aprendemos a vivenciar e conviver com os seres que coabitam o espaço sejam eles humanos, vegetais, minerais ou, nesse caso, “invisíveis”.

Curiosamente, a relação entre os índios e suas entidades é estreitada na medida em que eles começam a retomar seu território, deixando de morar nas serras. É importante dizer que isso não implica em deixar de coabitar o T.I Kiriri com os invisíveis, mas que essa coabitação se transforma durante o processo de retomada territorial.

Toda a relação que os Kiriri desenvolveram com esses lugares constituem experiências com um saber específico que molda uma interpretação sobre a formação geológica do território, efetivando um contato com a serra que é impensável sem levar em consideração essas entidades e seus comportamentos e os processos históricos de coabitação com eles.

Podemos compreender as serras como o que Anna Tsing (2015) chamou de lugares familiares. São locais de constantes caminhadas, pois possuem aspectos que nos fazem voltar até ele, reconhecendo-o e vivenciando aquele espaço em função da complexa relação que foi estabelecida com os seres que habitam nele. É um lugar definido pelas narrativas das vidas que o povoam e da memória das pessoas que transitam por ali. São espaços de multiespécies: “Suas geografias expansivas e sobrepostas resistem a modelos comuns que dividem o mundo em ‘seu espaço’ e ‘o meu’[...] lugares familiares implicam em formas de identificação e companheirismo que contrastam com a hiperdomestificação e a propriedade privada” (TSING, 2015, p.182).

Desse modo podemos perceber que as serras são espaços de múltiplos seres, portanto, modos de habitação em coetaneidade, entenderei esse conceito como a possibilidade de conviver com o outro respeitando seu modo próprio de viver a sua própria temporalidade (FABIAN, 2013). No caso aqui abordado, muitos dos seres são antepassados Kiriri que hoje vivem nas serras mediante outra temporalidade e modo de agir sob o mundo. Assim, os Kiriri convivem com seus antepassados, se relacionando com esse outro tempo que se faz presente em suas relações e nas matas.

Podemos perceber isso através de uma narrativa de Barão: antes da nossa caminhada começar efetivamente, fomos de moto para a Baixa da Cangalha e ele me mostrou uma serra em que as pedras formavam uma imagem como se tivesse um homem

subindo nela. Barão apontou e me explicou que existiram, tempos atrás, alguns americanos procurando ouro no território, em uma das serras, mais especificamente. Antes de subirem a serra, esses americanos teriam mandado um padre na frente, rezando para os encantados não tomarem uma ação contra eles. Atrás do padre, seguiam os americanos em busca do ouro até o momento em que notaram que o padre havia virado pedra, desistindo da busca e tomando o caminho de volta. Barão explica que fora o encantado, “dono” daquela serra, que transformara o padre em pedra, visando proteger o seu ouro e afugentar os americanos.

Nessa narrativa não pude deixar de notar que a palavra padre se parece com pedra, que é justamente aquilo que simboliza o padre. Em muitas narrativas, quando os encantos são roubados algo de ruim acontece. Nesse caso, o encantado dessa serra nem sequer permitiu que seu ouro fosse roubado. Tal história constitui uma importante lição sobre como se relacionar com esses seres e mostra como a formação geológica do território está diretamente influenciada pelas ações dos encantados e as relações estabelecidas com eles.

Assim, é possível perceber que quando algo de ruim pode vir a acontecer com algum encantado, como ter seu ouro roubado, ele tem a habilidade de mudar a formação geológica do território para se proteger. Por isso, é necessário saber como se relacionar com esses seres, entendendo o que a eles pertence e quais os limites da relação com esses seres. Em último caso, deve-se conhecer as defesas possíveis contra essas ações “invisíveis”.

Por isso, as serras não são apenas mera formação geológica, elas se configuram como aspectos extremamente relevantes da ontologia Kiriri. Para esse povo, as serras são as moradas dos encantados. Além disso, nelas existem diversas plantas e ervas que podem ser utilizadas para tratamentos terapêuticos ou para mediar relações com esses seres. Também é um espaço muito frequentado para atividades de caça.

Além do já citado, os Kiriri realizam rituais conhecidos como concentração, que se configuram como “secretos”, não sendo permitida a presença de não indígenas. Me foi relatado por Célio, uma importante liderança Kiriri, que nessa “concentração” os indígenas se sentam em conjunto, fumam o *paú*² e começam a ouvir sons como o barulho do vento, o canto dos pássaros, o balançar das folhas e, a partir disso, efetivam processos de aprendizado - inclusive linguístico - pois esse é um dos modos deles reaprenderem sua própria língua com a mata, segundo os próprios. Há aí um processo que podemos entender

² Cachimbo de uso ritual entre os Kiriri.

como uma “pedagogia da mata” (DURAZZO, 2019), dado que existem modos de adquirir conhecimentos específicos através da relação com esse espaço e do que ele pode ensinar, tornando a mata agente do saber ao mesmo tempo em que é espaço privilegiado para se apreender conhecimentos acerca dos antepassados indígenas.

3. SUBINDO A SERRA DA CANASTRA

Ao chegarmos à Baixa da Cangalha, Barão procurou Binho, um índio que morava por ali e conhecia bastante as matas daquela parte do território. Depois que Barão pediu para ele nos mostrar a *Pedra Iscrivida*, Binho pegou sua moto e convidou um outro amigo. Fomos de moto até a Serra da Canastra. Eles deixaram suas motos no pé da serra e depois iniciamos a escalada.

Caminhar pela serra é desenvolver múltiplas possibilidades de atenção para o contexto em que caminhamos, é uma habilidade que é apreendida no movimento do corpo em sua relação com o ambiente. Por isso, os diferentes modos de andar na serra me evidenciaram diferentes processos de experiências corporais, enquanto que minha atenção estava mais voltada para o chão e ter cuidado para o lugar que estava pisando, os outros tinham mais atenção na frente para onde estavam indo, também olhavam muito para cima, para o topo da serra e para as plantas, das quais eles desviavam com muito mais facilidade do que eu. Além disso, Barão às vezes ficava me olhando meio preocupado e observando se estava tudo bem comigo, às vezes oferecendo ajuda para ir de uma pedra a outra e outras vezes indicava “é melhor ir por ali” e apontava. Não vi em nenhum momento ele ter essa preocupação com os outros.

Tudo isso expressa uma educação da atenção (INGOLD, 2010). De acordo com Ingold, os processos educacionais implicam em aprender, conjuntamente, com o contexto e as pessoas que podem nos ensinar algo. A partir dessas interações podemos desenvolver habilidades e aprimorar nossos conhecimentos. Percebemos aqui que os Kiriri já haviam desenvolvido habilidades que lhes permitissem andar por esse local, enquanto eu ainda os observava tentando aprender, na relação com eles e com o ambiente, como prosseguir.

No topo da serra haviam muitas colmeias de abelhas e, na medida em que subíamos, o barulho delas aumentava. Em geral, o caminho de subida da serra foi silencioso, apenas conversávamos quando parávamos, sentávamos um pouco, bebíamos água, descansávamos e em seguida voltávamos a caminhar mais. Paramos em um local de onde se tira “areia colorida” para fazer artesanatos. Se cavarmos um pouco as paredes

rochosas, sai um pó colorido, utilizado para itens diversos de manufatura. Barão escreveu seu nome na língua indígena nessa parede: o nome na língua faz parte de um complexo conhecimento linguístico no qual se associa o nome da pessoa com uma erva e o nome na língua passa a ser o nome da erva. É bastante expressivo ver que havia na serra de onde se retira algo para fazer um elemento identitário, como artesanato, o nome de diversos índios, porém Barão foi mais além e colocou o seu nome na língua, bem no local onde existe interação com alguns invisíveis.

Nesse lugar havia uma pedra em cima de outra e, entre elas, uma vela queimada. Eu perguntei o que era e eles me responderam que aquela vela deve ter sido porque alguém foi rezar ali. Percebi que a serra não só é um espaço onde habitam os encantados, mas também canal de comunicação com eles³.

Por conta disso, para subir as serras é preciso ter conhecimentos específicos, com uma epistemologia oriunda dos saberes Kiriri, que perpassam a ciência do índio, modo como chamam seus saberes específicos. A ciência do índio constitui epistemologias ecológicas (CARVALHO et STEIL, 2013), ou seja, um conjunto de modos de produção do conhecimento através da relação direta com o mundo. São formas de interpretar a realidade a partir de um referencial que tem como base as interações com os múltiplos seres de um contexto. Isso fica expresso na relação com as matas do T.I Kiriri, pois é na relação com elas que se produzem conhecimentos que permitem a elaboração das melhores maneiras de se lidar com o meio e com os seres que nele habitam

Continuamos subindo e quanto mais próximo do pico, mais silêncio percebi que fazíamos. Barão me contou que essa serra é cheia de abelhas e no topo tinham alguns enxames, por isso íamos fazendo silêncio, para as abelhas não nos atacarem. Ao chegarmos ao topo havia uma gruta enorme com alguns enxames de abelha. Eles ficaram sentados admirando a vista tranquilamente por um bom tempo. Eu não estava com medo das abelhas, porque os outros não pareciam estar também, pensei que se houvesse perigo de fato não estaríamos ali, mas Barão me contou no dia seguinte que ele estava com medo e preocupado comigo porque se tivéssemos que descer correndo ele e os outros conseguiriam, mas eu não. Assim, antes mesmos de encontrarmos as abelhas já estávamos em relação com elas, adequando nossos corpos a uma ética de precaução que nos permitisse estar ali, protegidos.

³ Não sei bem como é esse processo, mas certamente não é aleatório o fato de alguém sair de casa e subir uma serra para rezar



Figura 2 - Binho em frente a “Grotta” na Serra da Canastra

Ao chegar no topo ficamos sentados em silêncio, houve um momento em que Binho, jogou uma cuia do alto, fazendo ecoar um forte eco pela serra. Barão comentou que isso o deixou preocupado devido ao barulho provocado, mas, no dia seguinte, foi revelado por que Binho estava tão tranquilo após joga a cuia serra abaixo: ele havia levado cachaça para o “dono da serra” e a despejou no chão com a cuia, que descartou em seguida fazendo o barulho, porém despreocupado, na certeza de que nada de ruim aconteceria, já que ele havia tomado as devidas providências para não acontecer nenhum mal.

Binho fez isso para que o dono da serra controlasse as abelhas e não fizessem elas virem atrás da gente. Segundo Barão, toda espécie de animal e planta têm um “rei”, ou “dono”, nas palavras de Barão: “aquele que é tipo seu cacique”, um ser que lhes orienta e protege. Dessa forma, existe o rei do tatu, o rei do veado, o rei da samambaia e assim sucessivamente. Todas as serras têm seus donos: seres responsáveis por proteger aquele lugar. O território Kiriri está cheio de seres que não só protegem os índios, mas também toda a vida que existe nesse local. Conhecer e habitar o território indígena é, portanto, conhecer os melhores modos de se relacionar em harmonia com esses seres invisíveis, encantados e com os “donos” dos animais, plantas e espaços.

Carlos Fausto (2008) mostra a recorrência da ideia de um “dono” – de determinado animal ou local - em diversas culturas ameríndias, principalmente na região amazônica. O modo Kiriri de se conceber essa palavra é bem específico, porém possui dois pontos centrais de convergência: o primeiro é que não são categorias que indicam propriedade privada ou posse, e o segundo é que se referem a seres que cumprem um importante papel na proteção de outros seres e/ou espaços. Os “donos” e “reis” não possuem (no sentido de ter propriedade sobre) animais ou lugares, eles “são donos em seu próprio meio, contendo em si um coletivo: eles representam e contêm uma espécie

[...] sendo responsáveis por seu bem-estar, reprodução e mobilidade” (FAUSTO, 2008, p. 332-333). Por isso, ser “dono” implica em um tipo de relação específica marcada pela responsabilidade de proteger e promover o bom desenvolvimento dos seres e locais. O conhecimento sobre esses seres é uma expressão da ontologia Kiriri e foi a potencial relação estabelecida com eles que provocou tanto a preocupação de Barão quanto a despreocupação de Binho.

Dentro da gruta pude observar que em uma das extremidades existia uma cruz. No caminho de volta, Barão perguntou se não foram os jesuítas que colocaram a cruz ali e Binho respondeu que não e que aquela cruz foi colocada ali por causa das missas que se faziam antigamente (antes da retomada), nas quais compareciam índios e não índios da região.

Binho apontou onde moravam os índios, antes da retomada. Eram nas serras em casas de pindoba e nas grotas (como a da foto anterior). Depois da retomada os índios dali foram morar na Baixa da Cangalha e na Baixa do Juá, segundo Binho, ocupando as casas dos não indígenas que foram forçados a sair da região após a indenização da FUNAI.

Ao longo da descida conversamos sobre diversos fenômenos que acontecem naquelas serras. Barão contou que naquela serra se abre uma passagem num determinado horário da noite. Conta que seu irmão certa vez foi lá e ficou escondido para ver essa passagem e, do nada, apareceram um peru e depois um bode urinando fogo, que fez com que o irmão de Barão fugisse amedrontado dali. Binho apontou para duas serras e disse que no natal surge um cordão de ouro entre elas, mas não pode ser visto por qualquer um.

Em alguns minutos eles contaram um conjunto de narrativas vividas dentro da serra que me permitiu perceber a complexidade que habita nela. São múltiplas possibilidades de acessar, viver e habitar esse local. Missas, passagens secretas, seres invisíveis, seres extraordinários como um bode mijando fogo, um colossal cordão de ouro, etc. Múltiplas ontologias e temporalidades que coabitam em coetaneidade (FABIAN, 2013). O espaço da serra não é como uma estrutura social que está organizada mediante regras e instituições. É antes, múltiplos modos e possibilidade de habitar em diferentes momentos históricos.

Habitar, assim, é criar múltiplas relações com o contexto, em um emaranhado que se movimenta na inter-relação entre as coisas e os seres. Habitar é se conectar com o lugar e a vida que pulsa ali. Não é apenas viver, mas também apreender com todo o corpo como

sentir relações com o lugar e a partir disso desenvolver a habilidade de caminhar por tal espaço. Caminhar assim é um modo de e um meio para habitar (INGOLD, 2015).

4. A PEDRA ISCRIVIDA

Depois das narrativas e da descida da serra, fomos em direção a *Pedra Iscrivida*. Ao chegarmos lá, Binho e seu amigo ficaram sentados contemplando o horizonte, enquanto Barão – que, como eu, nunca tinha estado no local antes - estava empolgado com a pedra e ficou um bom tempo tirando fotos e fazendo vídeos das “*palavras iscrividas*”. Apesar dele não identificar nenhuma palavra Kiriri, não tive a impressão de que ele estava frustrado, muito pelo contrário ele parecia bem satisfeito ao finalmente estar ali.



Figura 3 - Pedra Iscrivida.

A *Pedra Iscrivida* é essa que aparece na foto, seu nome se dá em função dos elementos que estão gravados em um dos lados da pedra. Infelizmente não foi possível tirar fotografias com melhor qualidade, pois para ter acesso a parte “*iscrivida*” da pedra é necessário ficar pendurado em uma das pontas da pedra, apoiando os pés na extremidade, correndo o risco de cair de uma altura de mais ou menos 2 ou 3 metros.

O que me chamou atenção é que para gravar algo no paredão de pedra as pessoas precisariam ficar penduradas, correndo risco de uma queda muito pouco agradável. O que poderia motivar alguém a correr esse risco para gravar aquelas palavras e símbolos?

Além disso, existem outras formações rochosas como essa ao longo das serras, porque só essa possui tais inscrições? É importante notar que muitos índios viviam próximos a essa pedra, teriam eles percebido algo de especial nela? São muitas inquietações que me vieram a mente, porém não obtive grandes pistas que me fizessem elaborar hipóteses sobre esses temas. As fotografias a seguir ilustram uma parte das inscrições da Pedra Iscrivida que foi possível fotografar.

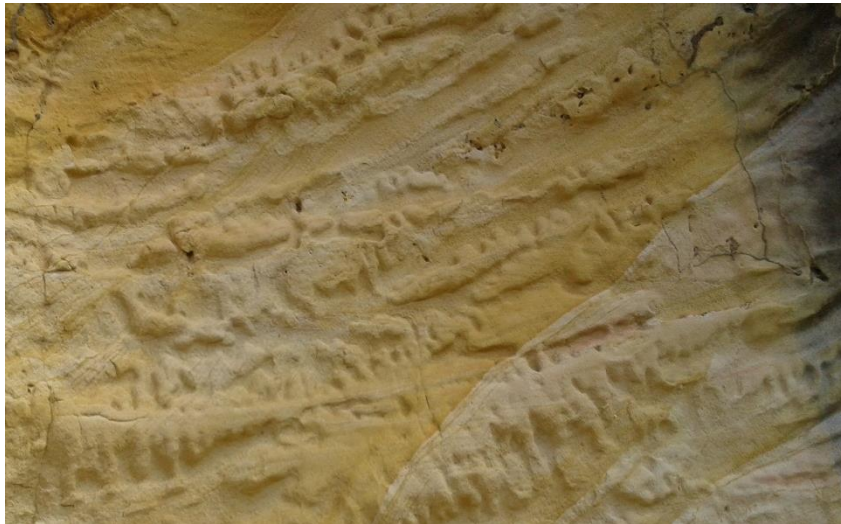


Figura 4 - Marcas em alto-relevo.

Na foto acima, notamos algumas marcas que, segundo meus interlocutores, parecem não ser naturais, mas sim algo que foi escrito ou marcado na rocha e, com a ação do tempo, acabou por ficar assim, pouco distinguível.

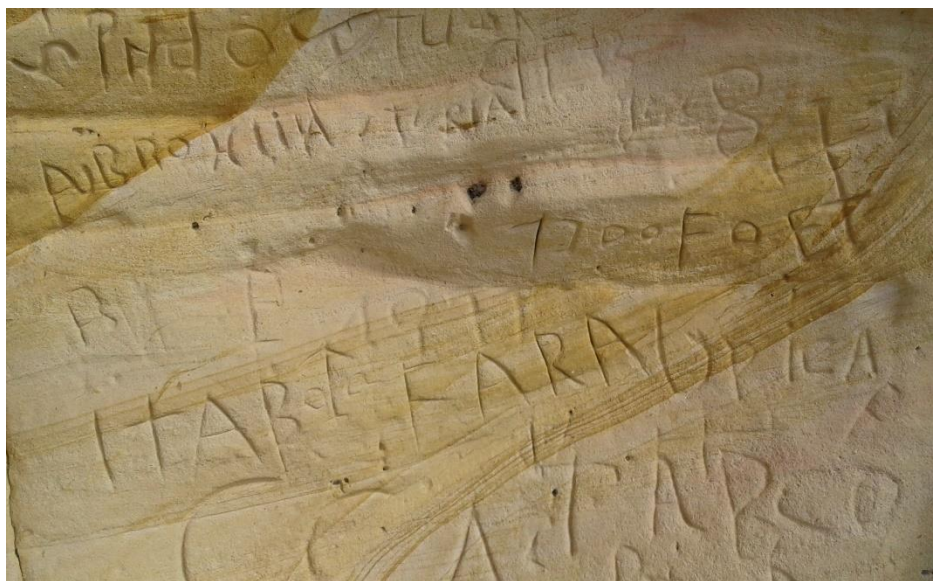


Figura 5- Palavras gravadas em baixo-relevo.

Na foto acima, podemos ver algumas palavras que poderiam estar na língua ou não. Barão não identificou nenhuma dessas palavras como sendo parte de sua língua, porém não descartou completamente essa possibilidade. O que se pode ter certeza sobre as inscrições, é que, em sua grande maioria, não parecem ser palavras do português.

Nessa pedra também encontramos uma vela queimada parcialmente, quais motivos alguém teria para queimar velas nesse local? O que poderia existir ali para que esse lugar fosse um espaço interessante para tal atitude? É muito comum, entre os Kiriri, se acender velas para pedir algo para suas entidades, o que motivaria alguém a mediar uma relação com tais seres nesse lugar e não em sua casa, como normalmente é feito?

Divagações a parte, infelizmente não consegui descobrir o que significa qualquer coisa que esteja escrito nessa pedra, com exceção de alguns nomes próprios, que podem ter sido escritos por visitantes do local, assim como eu, Binho e Barão. De fato, em muitos lugares do território tem nomes de pessoas escritos, os Kiriri têm o costume de riscar seus nomes nesses lugares.

O olhar de Barão para esse lugar era de curiosidade e surpresa. Percebi que ele tentava captar com os olhos cada detalhe, em busca de elementos que lembrassem algo sobre sua própria língua, porém não identificou nada. Notei que apesar da frustração ele olhava para essa pedra com bastante interesse e inquietação, tentando entender o que significavam aqueles símbolos, quem poderia ter escrito e quais eram suas intenções. Binho contou que os mais velhos falavam que ali era o local que Lampião ficava com seu bando quando iam para aquela região, e que eles teriam escrito o que estava ali na pedra. Também, contavam que talvez quem tivesse feito aqueles registros, fossem os índios de antigamente, “da época dos jesuítas”.

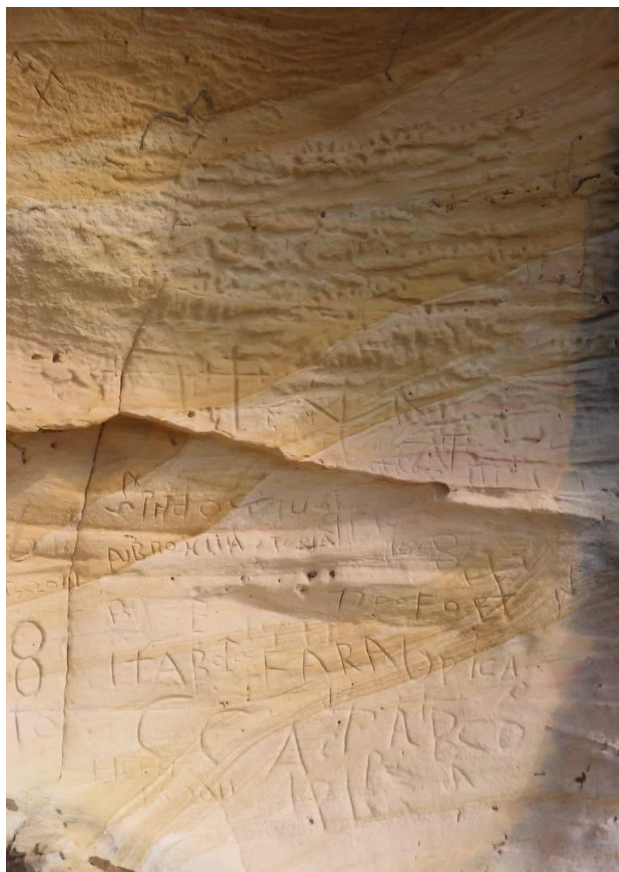


Figura 6- Área com maior concentração de inscrições na Pedra Iscrivida

Há um conjunto de aspectos múltiplos que perpassam essa pedra e as possibilidades de habitação que existem nessa região em diferentes épocas (MBEMBE, 2015). Imaginemos a *Pedra Iscrivida* como um caleidoscópio com seus múltiplos pontos que se interconectam: na medida em que podemos tocá-lo e movê-lo, vemos a partir de outro ponto de vista, que não necessariamente é totalmente diferente do anterior ou posterior. Ainda estamos vendo através do mesmo caleidoscópio e através dos mesmos pontos que se interconectam, porém sob outra perspectiva.

Jesuítas e indígenas de diferentes etnias já estiveram coabitando esse local por muitas décadas, é importante mostrar que um dos símbolos, mas fáceis de identificar nessa pedra é a cruz que logo se destaca. E que parece marcar uma interconexão, como uma ponte, entre os Kiriri contemporâneos, e seus antepassados “índios lá da época dos jesuítas”, mantendo vivas, ao menos na memória, relações com aquele espaço e com alteridades outras, de séculos atrás

Outra possibilidade para explicar as marcas na *Pedra Iscrivida*, que nos é indicada pela tradição oral Kiriri trata do bando de lampião. Assim como em boa parte do sertão

baiano, na região que os Kiriri habitam também existem diversas histórias sobre lampião e seus feitos quando passou com seu bando naquele lugar.

Além disso, é possível que índios de diferentes épocas e etnias tenham ajudado a compor essa paisagem, deixando seus registros de acordo com o interesse e significado que deram a essa pedra. Sendo assim, esse é um caleidoscópio que é visto de perspectivas diferentes a partir dos distintos modos de habitar esse espaço. Cada tipo de habitação e ontologia nos conduz para uma história diferente interconectada em um mesmo ponto que dissipa os outros: a linguagem.

A relevância desse lugar se dá não apenas pela multiplicidade de habitações possíveis que tenham existido por ali, mas principalmente pelo que ele é capaz de comunicar. O que está escrito e porque está escrito? É algo que por si só comunica aspectos da identidade linguística Kiriri. Ainda que não saibamos explicar o que tem nessa pedra, sabemos que para os Kiriri é possível que sua língua tenha sido escrita nela por seus antepassados. O que me impulsiona a tentar entender para além do que está escrito, que língua é essa que consegue assumir tamanha dimensão ainda que não seja falada cotidianamente? Antepassados, comunicação, modos de habitar, tradição oral, cosmologia, ontologia, epistemologia e ciência do índio são pontos que se interconectam no caleidoscópio que metaforicamente é a *Pedra Iscrivida*.

Através desse espaço, podemos perceber como estão aglutinados e articulados um conjunto de histórias e processos que se interconectam em movimento e é a partir disso que se constrói a relação com esse espaço. É isso que possibilita o fato de que caminhar na mata é uma prática que envolve processos ontológicos dos Kiriri. É devido a possibilidade das serras aglutinarem esses elementos que elas podem ser lugares de aprendizado que assentam uma epistemologia específica.

Não é à toa que Barão me convidou para ir lá. É importante dizer que apesar dele não morar ali, não quer dizer necessariamente que ele não esteja habitando esse local, habitar não é construir uma casa fixa num local e ir morar nela, é antes de mais nada construir uma relação. A relação com esse espaço se deu através do seu interesse por estudar a língua dos seus antepassados, por isso, existe uma identificação com essa pedra de tal modo que ele sentiu a necessidade de conhecer fisicamente esse espaço.

5. FOTOGRAFANDO UM INVISÍVEL (?)

O que mais me chamou atenção em toda essa caminhada pela serra e para a *Pedra Iscrivida* se deu quando chegamos na casa de Barão e ele me mostrou a seguinte foto:



Figura 7 - Possível manifestação fotográfica de um “invisível”

Barão afirmou que se tratava de um encantado. Aparentemente haveria aí um ser, com os olhos sendo essa parte mais embranquecida da foto e que estaria aí flutuando. Perguntei se poderia ser algo causado pela luz na hora em que ele tirou a foto, ele afirmou que não, que só poderia ser alguma entidade. Ao mostrar para Sueli, uma importante liderança, ela sugeriu que seriam duas pombas essa parte mais branca, depois olhou atentamente e disse que havia na foto duas senhoras, que eu não consegui ver de forma alguma. Também não entendi se essa parte azulada escondia essas senhoras e que elas estariam atrás nas pedras, ou se essa parte corresponde a elas duas. Mas percebi que ao concluir isso, Sueli olhou para foto com espanto e disse “ah, já sei o que é! Em seguida tentou me explicar o que via, o que ainda soa confuso para mim. Mostrei para outras pessoas e todos disseram não saber o que era isso, mas o único que disse que poderia ser apenas luz foi Miro o marido de Sueli. A reação mais curiosa com relação a ambas as fotos foi a do pajé Adonias, quando mostrei ele virou para o lado, como se não quisesse vê-las, falou que não era nada e desconversou. A impressão que tive foi que ele percebeu algo que não queria ou não podia falar, o que me parece plausível levando em conta a dimensão de “segredo” para não-indígenas das questões rituais e xamânica do povo Kiriri

À guisa de conclusão, gostaria de ressaltar que a visão não é apenas um sentido isolado, solitário, ela está influenciada pelo que vivenciamos com todo o corpo. Não vemos apenas com os olhos, mas com todo um movimento interacional que criamos na interface entre o corpo e o contexto. Por isso acredito que os Kiriri conseguem ver, na foto anterior, por exemplo, o que eu não consegui.

A partir das relações desenvolvidas na serra, meus interlocutores indígenas elaboram um modo próprio de percebê-la, compreendendo que nela existem seres que são

donos dos seres e espaços. Eles vivenciam uma ontologia que permite reconhecer e coabitar o mundo com esses elementos e seres outros, que desafiam as nossas explicações “naturais” sobre espécies da fauna e flora ou os tipos de acidentes geológicos e suas causas naturais. As serras Kiriri, mais que tudo, se configuram como espaços vivos, constituintes e constituídas pelas relações sociais que - ao longo de séculos - nelas se desenrolaram, e das quais as próprias serras podem ser entendidas como agentes ativos.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Os Kariris de Mirandela: Um grupo indígena integrado**. 1 ed. Salvador: EDUFBA. 1972.

CARVALHO, Isabel; STEIL, Carlos. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**. Rio de Janeiro. v.1, n.20.p.163-183,2014

CARVALHO, Isabel; STEIL, Carlos. Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **REMEA**.v. especial, n.1p.59-79, 2013.

DURAZZO, Leandro. **Cosmopolíticas Tuxá: conhecimento, ritual e educação a partir da autodemarcação de dzorobabé**. 392f.2019.Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte,2019.

FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro: como a antropologia estabeleceu seu objeto**. 1 ed., São Paulo: Editora Vozes,2013.

HOLBRAAD, Martin. Estimando a necessidade: os oráculos de Ifá e a verdade em Havana. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 9, n.2, p.39-77, 2003

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**. Porto Alegre, v.33, n.1, p.6-25,2010.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

NASCIMENTO, Marco. **O tronco da jurema: ritual e etnicidade entre os povos indígenas do Nordeste – o caso Kiriri**. 314f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1994.

TSING, Anna. Margens indomáveis, cogumelos como espécies companheiras. **Ilha**. Florianópolis, v.17, n.1, p.177-201.

VIVEROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**. Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.113-148, 2002.